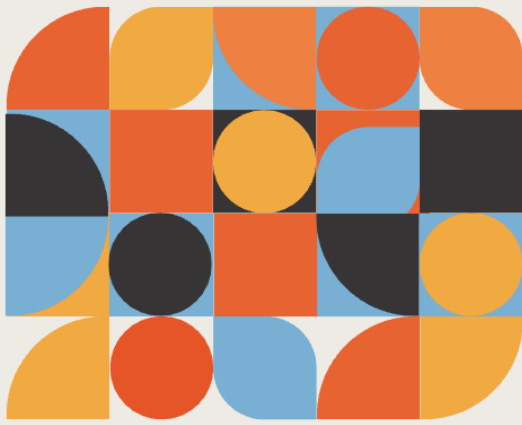




ROUPA, MEMÓRIA E REPRESSÃO: A INDUMENTÁRIA DE TERREIRO COMO OBJETO DE MEMÓRIA (RIO DE JANEIRO, 1890-1930)

Medina, Isis Saraiva Leão; Doutoranda; Universidade Federal do Rio de Janeiro, isislmedina@gmail.com¹

RESUMO

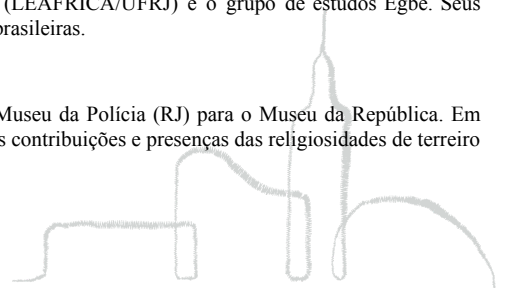
De que modo as indumentárias presentes no contexto afrorreligioso contam histórias sobre as experiências de homens e mulheres negras no Brasil escravista e no pós-abolição? Que memórias elas carregam? Como elas estavam inseridas no cotidiano desses indivíduos? Essas foram algumas das perguntas que nortearam a pesquisa de mestrado da autora, cujos desdobramentos são, em parte, apresentados nesta proposta. O artigo 157 do Código Penal de 1890 proibia “praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismans e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de molestias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública”, sob pena de “prisão celular por um a seis meses e multa de 100\$000 a 500\$000”.² Amparada por esse artigo, a polícia realizou, nas primeiras décadas da República, a apreensão de centenas de objetos sagrados afrorreligiosos na cidade do Rio de Janeiro. Parte significativa desses itens chegou até os nossos dias, possibilitando-nos a compreensão de uma história de violência que foi contada e transmitida ao longo do tempo, dos mais velhos para os mais novos. Trata-se, contudo, também de uma história de libertação que confronta a repressão do Estado. Mãe Menininha do Oxum, Iyalorixá desde 1968 do terreiro Ilê Omolu e Oxum³ e uma das lideranças do movimento de libertação dos objetos que estiveram até pouco tempo atrás sob guarda da polícia,⁴ foi marcada na infância pelas histórias

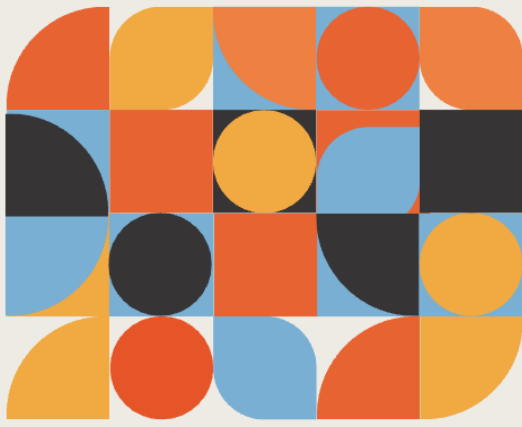
¹Doutoranda e mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ). Graduada em Design-Moda pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Integra o Laboratório de Estudos Africanos (LEÁFRICA/UFRJ) e o grupo de estudos Egbé. Seus interesses de pesquisa se concentram nas interseções entre vestuário, memória, identidade e religiosidades afro-brasileiras.

² Decreto n. 847, de 11/10/1890.

³ Localizado em São João do Meriti, região metropolitana do Rio de Janeiro.

⁴ O movimento *Liberte o nosso sagrado* reivindicou a transferência dos objetos que estavam, até 2020, no Museu da Polícia (RJ) para o Museu da República. Em poucas palavras, os objetos deixaram, assim, de contar uma história do crime no Brasil para contar a história das contribuições e presenças das religiosidades de terreiro na formação do Brasil republicano.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

desses objetos — dessas “nossas coisas que estão nas mãos da polícia” (Carneiro, 2019) — contadas com mágoa pelas mulheres mais velhas de sua família. “Elas falavam muito sentidas, eu percebia que elas se sentiam impotentes” (*Ibid.*). Nesse sentido, o principal objetivo da pesquisa foi compreender as indumentárias de terreiro como objetos de memória da população afrodiáspórica no Rio de Janeiro, com base no acervo Nosso Sagrado (Museu da República/RJ), composto por mais de 500 objetos sagrados — entre eles, indumentárias — apreendidos pela Polícia Civil do Rio de Janeiro, especialmente entre os anos de 1889 e 1945. Para isso, foram utilizadas falas de Mãe Meninazinha de Oxum, que ajudam a revelar a dimensão da memória que esses objetos carregam, bem como notícias de batidas policiais nos terreiros publicadas em periódicos da época. O intuito é refletir sobre como as indumentárias estavam inseridas nos terreiros e pensar quais histórias e memórias elas carregam, nas suas dimensões materiais e simbólicas (Miller, 2013; Pereira, 2017). Pretende-se também com essa proposta abordar as experiências afrodiáspóricas, a partir da formação de uma *identidade bantu* (Slenes, 1992), na cidade do Rio de Janeiro. A partir desse estudo, procuramos, como bem propôs Stallybrass (2008), tecer relações entre roupa, memória e poder, apreendendo práticas cotidianas e religiosas no contexto das chamadas *classes perigosas* do início da República (Chalhoub, 1996; Moraes, 2017).

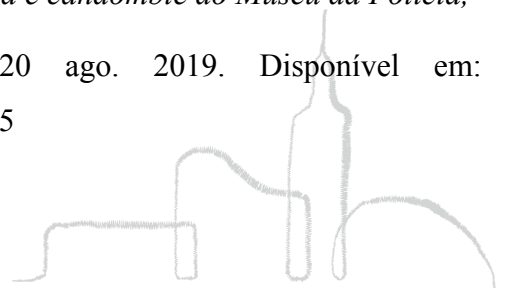
Palavras-chave: Nosso Sagrado, memória, indumentária de terreiro, Primeira República.

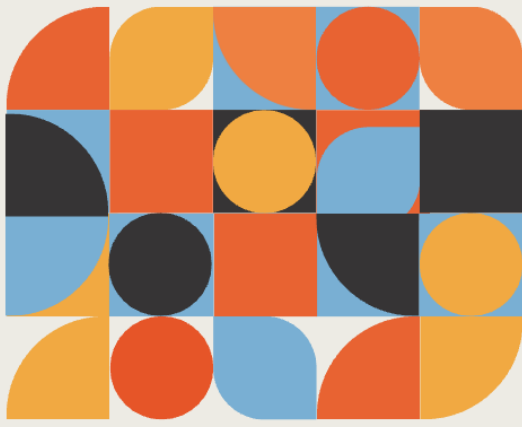
FONTES E BIBLIOGRAFIA

Anais da Câmara dos Deputados, vol. 3, p. 73, sessão de 10 de julho de 1888.

Código Penal de 1890. Decreto n. 847, de 11/10/1890. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 18 dez. 2024.

CARNEIRO, Júlia Dias. *A longa luta para tirar itens sagrados de umbanda e candomblé do Museu da Polícia, que os confiscou há mais de um século*. BBC Brasil, 20 ago. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49377670>. Acesso em: 20 jan. 2025





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MORAES, Caio Sérgio de. *A cidade do Feitiço: feiticeros no cotidiano carioca durante as décadas iniciais da Primeira República - 1890 a 1910*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2017.

PEREIRA, Hanayrá Negreiros de Oliveira. *O axé nas roupas: indumentária e memórias negras no candomblé angola do Redandá*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2017.

POSSIDONIO, Eduardo. *Entre Ngangas e Manipansos: a religiosidade centro-africana nas freguesias urbanas do Rio de Janeiro de fins do Oitocentos (1870-1900)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Salgado Oliveira, Rio de Janeiro, 2015.

SLENES, Robert W. "Malungu, Ngoma vem!": África coberta e descoberta do Brasil. *Revista USP*, São Paulo, Brasil, n. 12, p. 48-67, 1992.

STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: roupas, memória, dor*. Tradução de Tomaz Tadeu - 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

